

AGERΦ 116

OS CAMINHOS DA

# Terra

Novembro 96 Ano 5 Nº 11 Edição 55 R\$ 5,50



# AMAZÔNIA

a vida na maior floresta do mundo



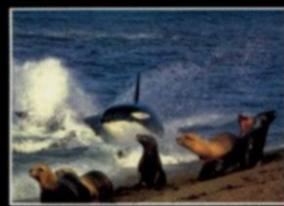
**O MORRO SUMIU**  
uma cidade cobra  
a paisagem perdida

**TEJE PRESO!**  
a saga de um jegue  
na cidade grande

**PATAGÔNIA ANIMAL**  
onde quem manda  
são os bichos

**FOGO NO CARIBE**  
o vulcão que  
engoliu uma cidade

**CAMBOJA HOJE**  
vivendo entre  
a arte e a morte



# A M A Z Ô N I A

**Não, não tem nada a ver com a selva de Tarzã. Esqueça aquela imagem**

**idealizada de macacos pulando de um lado para o outro, papagaios coloridos em revoada e índios pelados dançando em louvor a Tupã. A maior floresta do mundo é bem diferente disso tudo**

*Mundão de matas e água: um complexo e desconhecido pedaço do planeta*

por **KÁIKE NANNE**, de Nhamundá - fotos **VALDEMIR CUNHA**

Em vez de sagüis mostrando os dentes para a máquina fotográfica, pense em 30 milhões de espécies de insetos. Do conhecido carapanã, mais popular em outras regiões do país como muriçoca ou pernalongo, ao vingativo tapiú, capaz de mergulhar no rio atrás da víti-

cruel, porque esta região não é refrescada pelos ventos que vêm do litoral. É a combinação de calor e umidade que torna o ambiente tão atrativo para os insetos. Eles se reproduzem como pragas nos chamados rios de águas brancas — barrentas, na verdade —, como o Solimões, e com menos furor

## É muito quente. Tem muito mosquito. E chove demais. Por que tanto interesse nessa sauna a vapor cheia de insetos?

ma, caso esta tente se proteger de baixo d'água.

Apague dos sonhos índios como os do filme *Brincando Nos Campos do Senhor*. Já não existem mais nativos perambulando de tanga pelas ruas nem trocando arco e flecha por espelhinhos. Quase todos vestem calção Adidas, falam português e gostam de tomar uns tragos no estilo metálgico do ABC. E há os que co-

nas águas de acidez alta dos rios escuros, como o Negro.

Como se pode ver, há boas razões para detestar a Amazônia. Mas o "Inferno Verde" é muito mais que uma sauna a vapor cheia de mosquitos. Por isso chama a atenção de tanta gente e está sempre no topo da lista da agenda ecológica mundial.

Este misterioso pedaço do planeta — só o fundo do mar é menos co-

envoltura contrabandistas, pistoleiros, traficantes de drogas e de animais.

Há os contrastes dos grotões ribeirinhos com a Amazônia urbana. De um lado, densidade demográfica inferior à do deserto do Saara. De outro, cidades populosas que já concentram mais da metade dos 18 milhões de habitantes da região.

Existe a Amazônia das queimadas, das madeireiras e dos fazendões de boi ("É, dotô... Dizem que o caboclo acaba a mata, mas, se botar pra fora paulista e paranaense, a mata fica igualzinha a antigamente", medita Manoel de Souza,

amazonense de 35 anos, pele enlilhada de tanto sol e olhar perdido no fim do mundo. "E gaúcho vem pra cá e quer transformar isso aqui em pampa. Derruba tudo.")

Radiografar este universo é tarefa para muitas décadas, e mesmo traçar um panorama seria um projeto enciclopédico. Para mostrar a vida na grande floresta e seus problemas, foi preciso delimitar um foco, um alvo

menor, mas nem por isso pouco representativo. E assim TERRA optou pelo Estado do Amazonas. Por vários motivos. O Amazonas foi escolhido pelo governo federal como Estado-modelo para o ecoturismo; tem a maior cobertura florestal nativa — apenas 2% de devastação, incluindo as áreas ocupadas por cidades, contra a média de 13% de toda a Amazônia — e a maior concentração de populações indígenas da região.

Nas reportagens das páginas seguintes, TERRA espera ajudar você a conhecer um pouco mais da maior floresta do planeta. Que, mesmo sem Tarzã e índios pelados, e apesar do calor e dos mosquitos, é absolutamente esplêndida.

nhecido que a Amazônia — é de uma tremenda complexidade. Desafia a ciência com a maior reserva biogenética da Terra e uma quantidade inestimável de espécies ainda não catalogadas. Desafia os estudiosos, aventureiros e caçadores de ouro com seu território inóspito e quase sempre perigoso. Desafia a diplomacia sul-americana com suas fronteiras pouco nítidas — 11,6 mil quilômetros só na parte brasileira. Desafia o governo federal a apresentar um projeto exequível de desenvolvimento econômico.

Enfim, a Amazônia é desafiadora. E múltipla. Existe a Amazônia sem lei, onde política se faz com escopeta e trabalhador sem-terra é executado pela polícia. Nesse mundo atuam com de-

# O DESAFIO VERDE

bram pedágio para os caras-pálidas conhecerem suas aldeias.

Ah, e tem as chuvas. No verão, todos os dias; no inverno, o dia todo. É o que diz um ditado popular local. O dilúvio acontece por causa da respiração da floresta. O matagal que poderia cobrir duas Argentinias, e mais um Uruguai de quebra, retém uma quantidade espetacular de água da chuva e à noite lança boa parte de volta na atmosfera em forma de vapor. E tome aguaceiro de novo.

Calor também tem de sobra. Quarenta e dois graus não é nada excepcional. Em Manaus já deu 50°C. A floresta está na Linha do Equador, e portanto mais perto do Sol. Na Amazônia Central a estufa é ainda mais

## Números amazônicos

*A imponência matemática da grande floresta*

### 4,9 milhões de km<sup>2</sup>

*é a área da Amazônia brasileira, chamada de Amazônia Legal, e representa 60% do território nacional. Cobre todos os Estados do Norte mais o Mato Grosso e parte do Maranhão, Tocantins e Goiás*

### 3,3 milhões de km<sup>2</sup>

*é o pedaço da floresta amazônica que está em território brasileiro. Uma área maior que a Índia*

### 11,6 mil km

*é a extensão da fronteira verde do Brasil com os outros oito países sul-americanos da região amazônica. Em linha reta, corresponde à distância entre São Paulo e São Francisco, nos Estados Unidos*

### 500 mil km<sup>2</sup>

*é o que as queimadas já devastaram na floresta amazônica brasileira, uma área equivalente a dois Estados de São Paulo*

### 6,7 mil km

*é a extensão do Rio Amazonas, o maior do mundo*

### 28 segundos

*é o tempo que o Rio Amazonas gasta, na foz, para jogar no mar 6 bilhões de litros d'água — o suficiente para fornecer um litro a cada habitante da Terra*

### 700

*é a quantidade de ilbas do maior arquipélago fluvial do planeta, Barcelos, no Amazonas*

### 2,5 metros

*é o tamanho a que pode chegar o pirarucu, o maior peixe de água doce do mundo*



# A VIDA SOBRE AS ÁGUAS

No universo regido pelo fluxo dos rios, o caboclo

explora a floresta com inteligência e reina

soberano no labirinto de estradas aquáticas

Encontro dos  
Rios Negro e  
Solimões, perto  
de Manaus:  
"avenida"  
amazônica

**F**rancisco Maciel Pereira dos Santos avisa seus filhos, Gracildo, Gracilene e Josué, no Rio Mumuru, comunidade do Manaim, que sua mãe, Glória Silva dos Santos, deu à luz uma robusta criança do sexo feminino. Ambas passam bem que só. Chegaremos quarta-feira, se Deus quiser. Cuidado com as galinhas aí em casa. Enfim, abraços."

O recado viaja em ondas tropicais por toda a Amazônia. Na faixa dos 4 965 quilohertz, o locutor Flávio Luís da Silva, de 40 anos, é o campeão de audiência das 11 horas ao meio-dia. É ele quem lê os telegramas radiofônicos enviados à Rádio Alvorada, de Parintins, e decifra nos papéis rabiscados num português hieroglifado o texto e até o tom que os remetentes querem dar à sua mensagem. Algumas às vezes curiosamente codificadas. Como:

"Francisco Iannuzzi avisa seu Gerson que o negócio funcionando normalmente lá, que mande ou traga o canadá que está sendo negociado. Agradece, Francisco."

Parece coisa de máfia. Mas a maioria dos recados diz respeito a situações mais prosaicas. É o dinheiro que o marido garimpeiro, enfiado na mata há seis meses, ficou de mandar para a família e acabou descumprindo a promessa ("Severino Souza, dona Geralda avisa que seu Zé da venda não faz mais fiado"). É a morte do sogro. A festa de aniversário do filho.

No mundão de água e mato, o telefone é um luxo distante para a maior parte dos caboclos, o correio é irregular — mesmo porque, em muitos casos, endereço é algo inexistente —, e resta o rádio para conectar com o mundo o cidadão que mora às margens de um igarapé nos confins da selva. Estamos num Brasil incógnito para os brasileiros que se aglomeram nas grandes cidades e garantem a audiência da novela das oito.

Neste país, regido pelo fluxo das águas, as portas não têm fechadura e não há brecha para correria ou estresse.



Também não há Estado. Instituições como o Fisco e a Justiça estão ausentes. Até do ponto de vista estatístico o povo deste país é um substrato desprezado. É uma gente que não figura na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, a PNAD, feita anualmente pelo IBGE. Por ab-

levar semanas para ser lido no microfone de Flávio Luís. O sujeito escreve, entrega ao barqueiro que a cada duas semanas faz a rota até a cidade mais próxima, e do porto desta cidade, como nos velhos tempos do pergaminho, o envelope viaja até Parintins num barco de linha

prida e menos gorducha.

À margem da balbúrdia portuária, isoladas em longínquos trechos da floresta, milhares de comunidades ribeirinhas formam este país desconhecido do qual se vinha falando. Aqui, aprende-se logo cedo como é que tudo funciona. José Jafre tinha 9 anos,

já era um exímio pescador, quando teve sua primeira grande lição de vida amazônica. Ao voltar para casa com cinco pirarucus, dos graúdos, Jafre viu seu sorriso de orelha a orelha contrastar com a cara amarrada do pai. “Bote dois para salgar, leve um para

dona Ritinha, um para seu Zé e outro para Lúcia de Rosa”, ordenou o velho. “E aprenda a não pescar o que não vai comer.”

É a lei: pescar, caçar e colher apenas o suficiente para o dia. A máxima foi instituída numa época distante, quando não havia geladeira para conservar alimentos, e acabou se tornando uma regra tácita, até hoje respeitada. Mesmo porque quase não se encontram refrigeradores nas palafitas espalhadas ao longo dos rios (Jafre, agora com 30 anos e pai de cinco filhos, nunca teve um na

## O tempo não é contado em horas, mas em “dias de barco”. Um recado urgente pode levar semanas até o destino

soluta falta de acesso, as casas da zona rural da região Norte só são visitadas a cada dez anos, nos censos. Mas os caboclos estão por aqui, ocupando bolsões de isolamento, explorando sabiamente a floresta e driblando adversidades.

A comunicação neste país aquático, onde os rios são as estradas e o tempo é contado em “dias de barco”, lembra o sistema usado pelos soldados de Gêngis Khan, o bárbaro das estepes que expandiu o Império Mongol no século 13. Na era da Internet, um aviso urgente pode

— o “ônibus fluvial” da região, que tem lotação para mais de cem pessoas e faz longos percursos.

É em torno do porto que o animado burburinho de gente, bichos e encomendas de todas as partes ilustra o lado mais colorido da vida cabocla na Amazônia. Desembarcam doentes carregados em redes, gaiolas com papagaios que abastecem o tráfico de animais, bujões de gás, remédios, cartas, caixas de Coca-Cola da Venezuela — mais em conta do que a fabricada em outros Estados brasileiros e comercializada numa lata mais com-



sua casa). É uma comodidade restrita a vilas médias e cidadezinhas que têm luz elétrica ou abastecimento regular de gás.

Assim, é muito comum ver caboclos estirados em canoas que, amarradas a arvoredos da beira dos rios, balançam como uma boa rede nordestina. É que eles já garantiram o peixe do dia e o melhor a fazer é ninar com o movimento das águas. Alguns usam uma sábia técnica quando a pescaria ultrapassa a cota diária. Num jirau de bambu, uma espécie de gaiola, são depositados os peixes que sobraram, ainda vivos. E o jirau é submerso até o almoço do dia seguinte.

Esse jeito caboclo de levar a vida, normalmente encarado por preconceituosos urbanóides como a celebração da preguiça, é herança da cultura indígena, que ignora o acúmulo e o lucro cultuados pelo capitalismo. Da mesma fonte vem o respeito à floresta. Resultado de uma dessas fabulosas misturas raciais típicas do Brasil, o caboclo amazônico tem sua origem nos primórdios da colonização da região, nos séculos 16 e 17.

Os expedicionários portugueses chegavam sem mulheres e iam se arrumando com as índias. Não era o tipo de união bem-vista pela Igreja. Discutia-se na época a natureza humana dos indígenas e certas correntes eclesiásticas duvidavam que os "selvagens" tivessem almas. Daí, da ímpia copulação entre súditos de sua Magestade e fêmeas silvícolas resultariam seres desalmados, e, portanto, amaldiçoados pelos céus.

Para deter a suposta concupiscência, a Igreja chegou inclusive a motivar a coroa lusitana a despachar moçoilas para as cidades que nasciam na recém-desbravada floresta. Mas aí a primeira geração cabocla já se multiplicava e mesmo os muitos brancos que não deram bola para tamanha bobajada garantiram a continuidade da miscigenação.

Bem mais tarde, no boom do ciclo da borracha, foi a vez de levas de nordestinos, principalmente cearenses, desembarcarem nos seringais. Com parte do sangue negro, eles se casavam com caboclas e índias. Começava então a segunda fase da mistura, que produziria a nova geração cabocla, basicamente até hoje predominante na Amazônia.



## PLACIDEZ E TORMENTA

*O burburinho ao redor do porto e os barcos-casas (acima) são típicas imagens da vida cabocla na Amazônia. A placidez é quebrada quando, de uma hora para outra, o tempo vira. O sol vai embora, surgem nuvens carregadas, ventos. É um "banzeiro" que vem chegando, como dizem os caboclos. O rio se transforma numa montanha-russa aquática e é hora de recolher os barcos (foto maior).*



Tanto que é raro encontrar um caboclo que não seja neto ou bisneto de nordestinos.

A carga genética, aliada às particularidades geográficas, faz do típico homem da Amazônia um adepto da contemplação. O verde que inevitavelmente margeia todos os per-

Mas nem sempre o prazer da contemplação segue sem atropelos. Quem nunca navegou por rios amazônicos não pode imaginar o buruçu que é um “banzeiro”. Eis uma daquelas palavras cujo temível significado pode ser depreendido do som que produz ao ser pronunciada. O ban-

da de duas novas amigas, ela fazia numa canoa um percurso de poucas horas quando o tempo mudou de repente. O barco começou a sacolejar e foi preciso sair da rota principal — ou seja: deixar o rio — para seguir por igarapés, onde as barreiras de árvores mais estreitas impõem limites aos ventos.

“A canoa não virou, mas como saímos da rota acabamos perdidas durante toda a noite”, conta Midian. Quando o banzeiro cessou, na madrugada, as moças estavam num lugar completamente

desconhecido e não se atreveram a aportar, temendo cobras e outros bichos. Ficaram cochilando na canoa até serem resgatadas por um pescador na manhã seguinte.

Qualquer pessoa que more na Amazônia, ou pelo menos tenha passado um ou dois meses na região — fora das áreas urbanas, resalte-se —, tem alguma história parecida. Perder-se no emaranhado de rios e igarapés, onde não há placas de sinalização, é quase inevitável quando o leme não é comandado por um experiente barqueiro. Estes

## As estradas são os rios e igarapés. Não há sinalização e perder-se no emaranhado das águas é a regra

ursos fluviais mais os próprios rios e igarapés formam uma paisagem linear, que não sofre alterações ao longo de centenas de quilômetros.

Como o horizonte é quase imutável, quem percorre essas estradas de água tem a impressão de não sair do lugar, embora às vezes esteja navegando durante dias e dias. “Parece que o tempo pára, aí não tem motivo para pressa e o grande prazer é o apreçamento da paisagem”, discorre o pescador Valdemar Pacheco, de 59 anos, morador do vilarejo de Madadá, no Rio Negro.

zeiro acontece quando desaba uma chuva de vento e o rio vira uma montanha-russa aquática. “Pensava que esse tipo de coisa só ocorria no mar”, diz a cearense Midian Vieira, de 18 anos, há um vivendo com o marido amazonense num povoado às margens do Rio Negro.

Logo nos primeiros dias de Amazônia, ao enfrentar um desses banzeiros, Midian teve vontade de dar meia-volta e retomar a vidinha em Fortaleza, onde morava numa favela e conheceu, na praia, o rapaz com quem acabou casando. Acompanha-

## O feitiço do boto e a encantada

*Na ilha de Nhamundá, uma sinistra profecia assusta a população*

A cidade de Nhamundá, uma ilha no leste do Amazonas, na fronteira com o Pará, ficou apreensiva com a última onda de “encantamentos”. As senhoras católicas acorreram à igreja para elevar preces aos céus, e em casa cuidaram de acender velas para os orixás. Nas ruas, os comentários correram solto. Três crianças seriam tragadas pelas águas e desapareceriam no Rio Nhamundá, segundo a profecia de Rosilane Coelho, de 17 anos, vítima de um encantamento.

Rosilane contou que viu um boto quando atravessava o rio numa noite, de canoa, e o bicho lhe passou a tal mensagem. A garota ficou enamorada pelo boto e foi despachada pela família para a casa de uma tia, numa cidade distante. Mas o encantamento já tinha contagiado sua prima Renilda, de 13 anos, que diz ter visto o mesmo boto na semana seguinte.

Segundo o testemunho de parentes e vizinhos, Renilda, em transe, repetiu a mes-



**Renilda, de 13 anos: macumba contra o encantamento**

ma profecia em vários idiomas e depois ficou muda. “Reconhecemos o italiano e o espanhol, que já ouvimos na televisão”, diz o avô da menina, o pescador Manoel Coelho, de 53 anos. As crianças da ilha foram proibidas de chegar perto do rio, enquanto Re-

nilda era submetida a sessões ininterruptas de macumbalhada.

A receita para o desencantamento, prescrita por um misterioso curandeiro que mora sozinho no meio do mato, consistiu em defumação e banhos com uma mistura de pião roxo, sacaca, pimenta-malagueta, jutaica, mureru-pajé, folha seca do meio do igapó e pau cruzeiro. Com uma semana de tratamento, Renilda voltou a falar e a comer normalmente.

A tradição amazônica segundo a qual é atribuída ao boto a paternidade de crianças de pais ignorados continua fundindo cabeças em Nhamundá. Mas um rápido mergulho no cotidiano caboclo é suficiente para descobrir que o “encantamento do boto” vai além dos prazeres da carne. Renilda, por exemplo, não está grávida. Quanto a Rosilane, não se sabe ao certo. Na cidade, os ânimos acalmaram-se, mas a terrível profecia continua assustando as mães mais cautelosas.



são capazes de cortar caminho por atalhos inacreditáveis e, seguindo pontos de referência que só eles enxergam num cenário uniforme, chegar mais depressa ao destino.

**P**ara um estreante, viajar pela Amazônia fora do circuito turístico exige paciência. É preciso não se perturbar com os longos dias nos barcos de linha, o barulho intermitente do motor, as noites dormidas em redes que se amontoam num espaço mínimo umas sobre as outras, a gororoba improvisada que vai do razoável no início da viagem ao detestável no fim.

Para o caboclo, nada disso é penoso. Mais do que viajar em barcos, muitas famílias vivem em rabeções, embarcações de mais ou menos 5 metros movidas a motor de 10 HP. Ali armam as redes e o fogareiro — tudo de que precisam para sobreviver. Compram combustível com o que ganham com eventuais fretes e vendas de peixes.

Quem não mora literalmente em cima das águas tem a canoa movida



## SISTEMA VIÁRIO

*Os "ônibus" do pedaço são os chamados "barcos de linha", que fazem a ligação entre as cidades. Neles, as redes se amontoam num espaço exíguo. No dia-a-dia caboclo, o veículo usual é a canoa movida a braço.*

a braço como transporte usual. Foi em cima de uma dessas que cresceu o catador de cipó João Reis, de 22 anos. Reis mais a mulher, Natali, vivem isolados numa casa de madeira e palha às margens do Rio Jaú, um afluente do Rio Negro, e passam boa parte do dia sobre a canoa fabricada num tronco de piquiá. No último Natal, para aproveitar o arrasta-pé que tomou conta de Novo Airão, a cidade mais próxima, o casal juntou as trouxas e saiu de casa no dia 19. "Foram cinco dias de remo, parando só para comer e dormir no mato",

diz Reis. "Mas valeu a pena. A gente quase não tem divertimento e a festa foi muito boa."

De fato, diversão não é lá uma coisa tão rotineira por essas bandas, caso não se considere a pura e simples contemplação da natureza uma atividade dessa categoria. Na palafita onde mora a família de José Jafre, aquele que pescou cinco pirarucus quando criança e tomou uma bronca do pai, a hora do lazer é o comecinho da manhã, quando Nanico, o vira-lata, invade a casa, todo fogoso. Ali, no Paraná do Aduacá, na região de Nha-

mundá, extremo leste do Amazonas, a única distração comum ao mundo urbano é oferecida pelo rádio.

Televisão, a família assiste uma vez a cada três meses. “Tem uma lá em São Sebastião, a vila que fica a duas horas de canoa, mas agora tá esculhambada”, diz Gislane, de 7 anos,

a filha mais velha de Jafre. “A gente até gosta, mas não dá para ir mais vezes porque só ligam de noite, quando tem energia, e fica muito tarde para voltar.” Pergunte-se a Gislane que tipo de lembrança ela tem da tevê, e a menina responderá, puxando pela memória: “... Aquela

vez que um homem quis matar outro...” A julgar por tal recordação, é sem dúvida muito mais saudável para as crianças a diversão cotidiana, que consiste em brincar com bonecas ou com os peixinhos que desfilam à porta de casa.

A casa cabocla, a propósito, daria um bom estudo de Antropologia. Entre outras peculiaridades, as normas de privacidade instituídas pela sociedade branca não têm muito significado nas comunidades ribeirinhas mais isoladas. E a típica casa da região atesta isso.

Não há divisórias de quartos, por exemplo. Na palafita de Jafre, erguida por estacas a um metro e meio do nível das águas, num único ambiente são penduradas todas as seis redes — uma para cada um dos cinco filhos e outra, maior, para o casal. Como nas malocas indígenas, não existe aquele refúgio para a intimidade conjugal.

O outro ambiente da casa é a pequena sala onde ficam o rádio, as roupas guardadas em duas malas e quatro caixas de papelão, o saco plástico com as 21 fotos da família — batizados, aniversários... —, as três prateleiras de calçados — na maioria sandálias — e as imagens de Santa Rita de Cácia e Iemanjá, “rainha dos pescadores e deusa do amor”, segundo Nair, de 23 anos, a mulher de Jafre. A separação do quarto é feita por uma grade de madeiras finas, cujos buracos são cobertos com pedaços de revistas velhas. “Inês de La Fressange e Karl Lagerfeld na coleção outono-inverno de Paris” é o título de um artigo estampado num recorte de 1987.

Se não dá para louvar a vida cabocla como a melhor dos mundos — quase tudo é longe e difícil —, há que se considerar certos pontos a favor. O principal é que não há fome. Ao contrário do sertanejo nordestino, o caboclo da Amazônia tem o rio que lhe assegura proteína e terra para plantar sua lavoura, sem se preocupar com irrigação — chuva é o que não falta. Pode ter uma dieta pouco variada, baseada em peixe, farinha de mandioca e banana, mas

## A menina de 7 anos viu televisão e lembra de uma cena: “Aquela vez que um homem quis matar outro...”



### A CASA RIBEIRINHA

*A família de José Jafre mora numa típica palafita cabocla. No único quarto são armadas todas as redes e não há espaço privado para o casal. Uma grade de madeira, forrada com páginas de revistas velhas, é a divisória com a pequena sala. A família tem no rio e na pequena roça tudo de que precisa.*



pelo menos não falta o que comer.

Outro item a favor é o potencial medicinal da floresta. O posto de saúde fica bem longe, os remédios encomendados ao barqueiro podem demorar mais de um mês para chegar, mas, em contrapartida, os chamados "raizeiros" estão sempre pron-

## Médico não tem. Mas o raizeiro resolve quase tudo com as ervas da floresta. De resfriado a cálculos renais

tos para resolver qualquer emergência. São os curandeiros da selva, e há sempre um no povoado mais próximo, como o acreano Francisco Feitosa, de 66 anos, filho de seringueiros e mestre na arte de manusear plantas medicinais. Na comunidade de Envira, às margens do Rio Tarauacá, no Amazonas, a 22 dias de barco de Manaus, a casa de Feitosa é o centro médico do pedaço.

"Vem gente de toda a vizinhança para se tratar comigo", diz o raizeiro. Vizinhança, na Amazônia, significa até mais de 100 quilômetros de distância. "E não é só caboclo, não. Chegou uma vez um juiz de Direito, quase morrendo de gastrite. Fiz uma garrafada de beldroega com macela e mais três dias o homem tava bom." Caapeba contra inchaço e dores no fígado. Alfavação para infecção na garganta. Chá das folhas de rinchão contra pressão alta e das raízes para doenças crônicas do estômago. E assim Feitosa vai curando quem aparece.

Mas o progresso começa a acenar, mesmo nos grotões amazônicos, e cria uma nuvem de desconfiança sobre o trabalho dos raizeiros. Quem vai para a cidade grande tentar a vida e volta traz consigo conceitos urbanos, também assimilados por quem eventualmente assiste à televisão. Assim, procurar um hospital não é mais tão incomum quanto outrora, embora as crianças continuem vindo ao mundo pelas mãos de parteiras. Mas a medicina convencional não assegura melhores resultados. "Tirei da UTI uma mulher que havia um mês estava com hidropisia renal.

Fiz um chá à base de azeitona do Amazonas e com dezoito dias ela já estava lavando roupa", garante Feitosa.

Longe de ser um curandeiro fanfarrão que gosta de contar vantagem, Feitosa domina uma sabedoria tal que até colabora com as pesquisas do Departamento de Farmacologia

da Universidade do Amazonas. É um tipo simpático, afeito à boa conversa, que entra no mato e sai pegando o que precisa para compor suas fórmulas. "Fui aprendendo aos poucos, desde pequeno, com velhos raizeiros", diz.

**A** matriz dessa ciência das garrafadas é o conhecimento dos pajés. E o caboclo se apropria disso sem incorporar elementos que o comprometam com a cultura indígena. Age da mesma forma com a cultura cristã, o outro fundamento de sua sociedade. Ele crê em Deus, em Jesus Cristo e no Espírito Santo, mas não dá muita importância aos ritos da Igreja. "Se morre um, ninguém liga para esse negócio de extrema-unção, e as crianças só são batizadas com quatro, cinco anos", diz Manoel de Souza, de 35 anos e pai de cinco filhos, que mora às margens do Rio Coari, um afluente do Solimões, a oito dias de barco de Manaus. "Padre só vem aqui uma vez na vida e outra na morte."

O descomprometimento é o mesmo com a cultura indígena. Muito das inteligentes técnicas de exploração da floresta, da alimentação, da arquitetura e até do jeito de encarar a vida veio dos índios, mas o caboclo não quer saber de rituais de iniciação, casamentos arranjados, deuses para isso e aquilo outro. Ele parece não ter amarras e vive de acordo com a própria cabeça.

É claro que esse estilo de vida perde fôlego quando submetido ao contato mais próximo com a sociedade

de mercado. Se, por exemplo, um hotel de selva é inaugurado na região, o pescador passa a trabalhar mais para vender o excedente. "Quando há frente de expansão pecuária ou demanda por algum produto de valorização financeira rápida — como borracha, castanha e ouro —, os pequenos empresários das cidadezinhas conseguem integrar os caboclos no processo econômico", diz o historiador Victor Leonardi, de 54 anos, professor na Universidade de Brasília e especialista em História da

Amazônia. "As comunidades do Rio Jaú viveram uma fase alucinante no auge do ciclo da borracha, com todo mundo trabalhando feito doido. O ritmo de vida só voltou ao normal depois que o preço da borracha despencou no mercado internacional, em 1914."

Longe dos focos de capitalismo, os buracos negros populacionais preservam "formas de cortesia e truculência arcaicas", segundo Leonardi. É comum, como em Machado de Assis, o marido chamar a mulher de "senhora" e a mulher chamá-lo de "senhor". As famílias recebem o forasteiro sempre com um largo sorriso, e poucos minutos depois o desconhecido já se vê com uma caneca de café na mão, no meio de uma prosa entusiasmada. Assim como a cordialidade dos velhos tempos, a agressividade primitiva também impera. Por causa de uma discussão sobre um bode morto acidentalmente, João Azevedo, de 66 anos, e o filho Raimundo, de 32 anos, donos do bicho, acabaram retalhados pelo "teçado" (facão) do vizinho, o matador. Do povoado de Urururi, foram levados num rabeção para Nhamundá, banhados de sangue.

A rádio local repassa a notícia para a Alvorada, em Parintins. Do microfone do locutor Flávio Luís da Silva, o telegrama viaja: "Atenção Elias Azevedo, em Barreirinha, seu irmão João e seu pai, Raimundo, estão gravemente feridos no hospital de Nhamundá. Aguardam sua visita".



**O Amazonas:  
referência às  
supostas  
índias  
guerreiras**

## O rio que empurra o mar

*Maior do mundo, o Amazonas joga suas águas a 150 quilômetros da costa*

Alguns livros de geografia ainda em uso nas escolas precisam ser corrigidos. Desde a edição de 1994 o *Guinness Book* registra que o maior rio do mundo é o Amazonas, não apenas em volume d'água — como aprendeu a geração passada — mas também em extensão. O Nilo dos faraós acabou desancado para a segunda colocação. O que não foi surpresa nenhuma para a penca de cientistas que há vários anos estuda o Rio Amazonas.

Aorta do sistema de artérias fluviais que regula a vida na região, com mais de mil afluentes, o Amazonas nasce próximo ao Oceano Pacífico, corta todo o continente sul-americano e, depois de 6,7 mil quilômetros, deságua no Atlântico. É um trajeto tão longo que a nascente fica perto do Deserto de Atacama, onde praticamente não chove e já se registrou umidade zero em algumas áreas, e a foz, na maior floresta úmida do planeta.

O rio nasce exatamente a 5,3 mil metros de altitude, nos Andes peruanos, no lado norte da Cordilheira de Tila. Muda de nome várias vezes e volta a chamar-se Amazonas no encontro dos Rios Negro e Solimões, em Manaus. Nos 3,6 mil quilômetros em território brasileiro, sua profundidade média é de 100 metros, o suficiente para afogar um prédio de trinta andares. O aguaceiro é tanto que na foz, perto da Ilha de Marajó, o Amazonas é capaz de fornecer em 28 segundos 1 litro d'água para cada um dos 6 bilhões de habitantes da Terra.

Desaba com tamanha força no Oceano que suas águas vão a 150 quilômetros da costa. É, sem metáfora, um rio que empurra o mar.

O nome Amazonas nasceu da aventura comandada pelo conquistador espanhol Francisco Orellana, no século 16. Orellana partiu de Iquitos, no Peru, acabou se perdendo no emaranhado de rios e foi cair no "Mar Doce". A alguns quilômetros de onde hoje é a cidade de Nhamundá, os registros da expedição dão conta de que Orellana e seus homens enfrentaram uma tribo de mulheres guerreiras.

Pela descrição do frade dominicano Gaspar de Carvajal, representante da Igreja na empreitada, elas eram altas, robustas e usavam cabelos longos amarrados em tranças. "Eu vi as suas vergonhas, que elas tapavam com arcos e flechas", escreveu o religioso. Um índio que ajudava os aventureiros e acabou prisioneiro das supostas guerreiras conseguiu escapar e voltou com uma história fabulosa.

Contou que as mulheres viviam no meio da selva, em aldeias feitas de pedra, onde homem não entrava. Quando queriam companhia masculina, atacavam reinos vizinhos e capturavam os melhores lutadores para suas noites de prazeres. Se davam à luz meninas, eram criadas na aldeia. Se meninos, eram mortos ou entregues aos pais. Por conta do suposto reino feminino, Orellana batizou o rio de Amazonas — uma referência às mulheres guerreiras da mitologia grega.

Mais tarde, toda a região ganharia o nome de Amazônia, a terra das Amazonas.

A história nunca foi comprovada, e nenhum outro explorador que navegou o rio encontrou as afoitas índias. Muitas hipóteses foram levantadas, inclusive a tese debilóide de que as guerreiras seriam na verdade travestis, defendida pelo presidente do Grupo Gay da Bahia, o antropólogo Luiz Mott. Parece bem mais sensata a teoria da arqueóloga amazonense Arminda Mendonça, de 48 anos. Para Arminda, as Amazonas eram guerreiros homens da tribo Hexykariana. "Eles usavam cabelos longos, em tranças, e por causa do manuseio freqüente de grandes arcos tendiam a ficar com o tórax bem desenvolvido", explica a arqueóloga. Esfomeados e longe de mulheres há tanto tempo, Orellana e seus corsários teriam enxergado peitos e outros traços femininos nesses índios.

No Espelho da lua — o lago onde, segundo a lenda, as Amazonas se banhavam nuas nas noites de lua cheia — a história continua viva. Francisco Brito, de 42 anos, que mora perto do lago com a família, conta que viu uma das guerreiras numa noite muito quente, quando preferiu dormir numa rede armada fora de casa. "Ela apareceu, nua, me chamando para tomar banho no lago", diz ele. "Era alta, branca, loura, de olhos azuis. Parecida com uma mulher que eu vi uma vez na televisão, quando fui na cidade." Já não se fazem mais Amazonas como antigamente...

São Gabriel da Cachoeira, a 1,6 mil quilômetros a noroeste de Manaus por via fluvial, tem uma reserva florestal e três parques nacionais, entre eles o do **PICO DA NEBLINA**. Aqui, o Rio Negro tem muitas corredeiras, com pedras no leito e ilhas que emergem no período da vazante. Há bons hotéis de selva e muitos programas para aventureiros.

Barcelos foi a primeira capital do Amazonas. Hoje tem na exportação de peixes ornamentais uma das principais atividades econômicas. No seu território fica Mariuá, o **MAIOR ARQUIPÉLAGO FLUVIAL DO MUNDO**, com 700 ilhas. A cidade também é famosa pelas construções antigas da época da colonização e pela pesca do tucunaré.

Presidente Figueiredo, a 107 quilômetros de Manaus, é a **AMAZÔNIA DAS CACHOEIRAS E CAVERNAS**. Aqui a floresta é menos densa e tem aparência de bosque. O solo, cuja plataforma é de arenito e areia, não sustenta árvores muito grandes. Há diversas trilhas ótimas para trekking no meio da mata.

Aqui nasceu a **LENDA DAS AMAZONAS**, que acabou dando nome ao rio e mais tarde ao Estado e à toda a região. No século 16, o conquistador espanhol Francisco Orellana, o primeiro a percorrer todo o trecho navegável do rio então chamado de Mar Doce, narrou um confronto com belas índias guerreiras. Numa referência às amazonas da mitologia grega, batizou o rio. Ninguém jamais comprovou a existência dessas índias.

Todo ano, de 28 a 30 de julho, acontece o **FESTIVAL FOLCLÓRICO DE PARINTINS**, o grande carnaval da Amazônia. No lugar de escolas de samba, desfilam bois-bumbás com temas indígenas e da cultura cabocla.

Os índios saterés-maués estão empenhados em restaurar suas tradições. Uma delas é o ritual de iniciação dos garotos quando entram na puberdade, chamado **DANÇA DA TUCANDEIRA**. Os mentirosos colocam a mão numa luva de palha cheia de formigas bravas, as tucandeiras, e passam o dia levando picadas. O veneno das formigas é eficaz na imunização de várias doenças.

O triângulo Atalaia do Norte—Tabatinga—Benjamin Constant é um **BARRIL DE PÓLVORA**. Tráfico de cocaína, contrabando de madeira, política na base da bala e matança de índios fazem parte do cotidiano desse pedaço de Amazônia entregue ao crime.

No Vale do Javari está a maior concentração de **POVOS INDÍGENAS ISOLADOS** do Brasil. Entre seis a nove nações reúnem 2,5 mil índios.

Os **ÍNDIOS KORUBOS**, isolados na floresta, foram atacados por madeireiros e, assustados com os brancos, respondem com pauladas a qualquer tentativa de aproximação.

Caboclo extraindo o látex da Seringueira

# AMAZONAS



J. Veicariano

# POBRE SELVA RICA

Com riquezas incalculáveis, a Amazônia

continua sendo saqueada, apesar da onda verde que virou moda até em muitas empresas

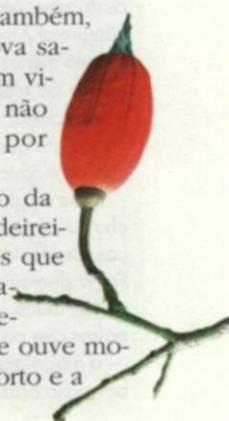
Transporte de madeira no Rio Negro: mais lucros com "derrubadas ecológicas"

Não só pelas belas matas verdes o mundo fica de olho na Amazônia. Estão na região a maior área contínua de produção de ouro do planeta, no Rio Tapajós, as maiores reservas mundiais de cassiterita e nióbio — minério de alta tecnologia utilizado na fabricação de supercondutores — e uma quantidade ainda não estimada, mas sem dúvida espetacular, de estanho, alumínio, manganês, petróleo. Nas duas últimas décadas as maiores minas descobertas no mundo foram na Amazônia. Há outros tesouros, estes menos evidentes, que chamam a atenção dos estrangeiros tão empenhados em preservar a floresta. É o tal "potencial biogenético". São os microorganismos, plantas e animais que podem fornecer componentes químicos poderosos no tratamento de doenças.

E pensar que os primeiros colonizadores consideravam a Amazônia um lugar de poucos recursos. Naqueles tempos, a região era apenas "a terra do verão constante, a terra em que se ia jovem e voltava velho, a terra do sem-fim, o mundo primitivo da selva tropical", como escreveu Márcio Souza no livro *Breve História da Amazônia*. Foi a tecnologia que descobriu o "potencial oculto" da região — mineral, biogenético — e está mudando o jeito de exploração do "potencial explícito", como a madeira.

Madeireiras "ecológicas" já não são mais apenas sonho de militantes do Partido Verde. Existem, sim. A onda ambientalista que começou nos anos 80 produziu não só uma penca de organizações não-governamentais que estudam a Amazônia — 316 ao todo (!) — como também, nesta década, uma nova safra de empresários com visão preservacionista. E não por idealismo, mas por lucratividade.

Tome-se o exemplo da Precious Wood Mil Madeireira. Nos 80 mil hectares que a empresa tem em Itacoatiara, a 280 quilômetros de Manaus, não se ouve motosserra grunhindo a torto e a



direito. No fazendão do tamanho de duas Curitiba, é o computador que seleciona as árvores para corte, e nas áreas onde há derrubadas a exploração só volta a acontecer 25 anos mais tarde, depois do processo natural de reflorestamento.

Pode parecer um negócio pouco

## Uma madeireira da Malásia comprou terras que equivalem a um Líbano e meio. É a chegada dos “cupins asiáticos”

lucrativo, mas não é. Enquanto as madeireiras tradicionais têm de ir buscar toras cada vez mais longe dentro da mata — até mais de 300 quilômetros, o que aumenta os custos de transporte —, a Precious retira sua matéria-prima a 35 quilômetros da serraria. A longo prazo, é uma tremenda vantagem. Tanto que os 600 acionistas europeus apostaram pesado e estão contentes com as perspectivas. O investimento de 20 milhões de dólares, bancado em grande parte por fundos de pensão suíços, deverá ser recuperado em breve, caso a projeção de faturamen-

to anual seja alcançada: 10 milhões de dólares a partir do ano que vem. Não se trata de um modismo que pegou só no Primeiro Mundo. Madeireiras nacionais começam a descobrir que reflorestamento e exploração planejada dão lucros.

Na contramão da onda verde,

empresas asiáticas ameaçam mudar a face da Amazônia. A WTK Corporation, da Malásia, está comprando madeireiras em dificuldades e assumindo o controle de suas reservas. Com essa estratégia, a empresa, que detém 70% do mercado mundial, tornou-se dona de 1,5 milhão de hectares, uma área correspondente a um Líbano e meio. A maior parte das terras fica no Alto Juruá, no oeste do Amazonas. Outra madeireira asiática, a coreana Sam-Ling, comprou 5 milhões de hectares na Guiana, perto da fronteira com o Brasil. A retirada de madeira dessa região é

extremamente nociva à natureza, visto que ali, no planalto guiano, nascem vários rios amazônicos.

Os “cupins asiáticos” liquidaram as reservas de madeira da Malásia, Coreia e Filipinas e já marcharam predatoriamente para a África. Seus grandes clientes são importadores japoneses e, para satisfazê-los, “os cupins” jogam pesado. Nos seus países, costumam resolver pendengas políticas e ambientais molhando a mão de deputados corruptos, sempre dispostos a ajustar malandramente as leis de modo a permitir o avanço das motosserras.

Aqui, os discretíssimos representantes dessas empresas têm dito que respeitarão a lei brasileira, que exige o plantio de uma árvore para cada uma derrubada. Ninguém acredita. O Ibama, mesmo com poucos recursos, estuda um jeito de manter uma fiscalização cerrada sobre essas empresas, numa operação conjunta com a Receita Federal.

Casos como o dos “cupins asiáticos” provocam muito barulho — e é muito bom que a sociedade organizada continue atenta e proteste —, mas talvez o saque silencioso pro-

## Da borracha aos ecodólares

*Com a Zona Franca em xeque, o futuro econômico da Amazônia está no turismo*

São Paulo era um fazendão reduto da caipiragem quando em Belém, capital do Pará, a burguesia enfeitava a casa com porcelana da China, bebia conhaque francês e se deliciava com músicas tocadas em pianos austríacos. No século passado, a conexão comercial Amazônia—Europa era profícua e, pelo menos em alguns recantos de sofisticação no meio da floresta, o intercâmbio internacional beirava a banalidade numa época em que não se falava em globalização econômica.

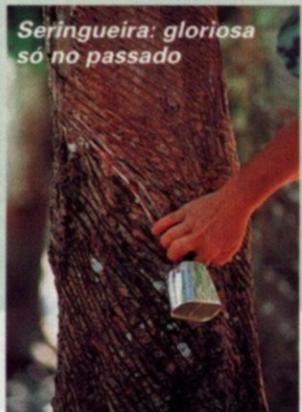
Eram os gloriosos dias do ciclo da borracha, o dinheiro singrava os rios amazônicos, produzia riquezas e muitos empregos. Foi a primeira fase de bonança, mas não durou muito. A concorrência com outros países que passaram a plantar seringueiras — a globalização, mais uma vez... — fez a borracha brasileira perder competitividade.

A Amazônia ficou esquecida como um matagal desinteressante e cheio de mosquitos até que os governos militares resolveram promover uma ocupação desesperada. Esse período deixou o lamentável legado de monstruosos projetos desastrosos — Transamazônica, Jari etc. — e muita devastação promovida por grandes empresas que receberam portentosos incentivos para se instalar na região, como Volkswagen e Brahma.

Do regime militar, a Amazônia herdou também a Zona Franca de Manaus, que à custa de incentivos fiscais tem hoje 322 indústrias que empregam 63 mil pessoas e faturaram no ano passado 11,5 bilhões de dólares. A Zona Franca tem

aviso prévio do ano de extinção — 2013, por força da Constituição — e as indústrias precisarão rever sua vocação. Ao invés de exportar para o Sudeste do país, terão de se voltar para o Norte e o Pacífico.

O modelo de desenvolvimento do qual a Zona Franca é símbolo está em xeque. Concentrou gente demais em Manaus, que sofre com a favelização da periferia. “Um projeto que incentive os investimentos na área do turismo pode apontar um caminho econômico para a região no próximo século”, aposta Orlando Câmara, diretor de Operações da Ematur. De fato, a Amazônia é um poderoso ímã de ecodólares.



**Seringueira: gloriosa só no passado**

movido por laboratórios estrangeiros seja igualmente prejudicial. Na Amazônia, os contrabandistas de jaleco trabalham na surdina, mas lá fora gostam de alardear suas façanhas.

O jornal americano *Washington Insight*, dirigido a empresários da indústria farmacêutica, informou que a holding da área de biotecnologia Phytochemical, com sede na Califórnia, tem três pontos de coleta de extratos vegetais raros: dois na China, um na Tailândia e um no Brasil. A reportagem diz ainda que os técnicos do conglomerado, ao encontrar uma planta com propriedades especiais, balizam sua localização com um GPS — aparelho que informa latitude e longitude — antes de enviar amostras para a sede. “Ou seja: eles mandam o ouro e ainda revelam onde está a mina”, diz o farmacologista e bioquímico Frederico Arruda, de 48 anos, pesquisador do Instituto de Ciências Biológicas da Universidade do Amazonas. “Não se sabe quem são esses técnicos, mas certamente estão trabalhando com ajuda de profissionais brasileiros.”

Em 1994, segundo o *Washington Insight*, a Phytochemical recebeu 20 mil extratos. Estima-se que do Brasil seguiram pelo menos 5 mil amostras. Isso para apenas um laboratório! Com a nova lei de patentes, que segue critérios internacionais, é provável que comecem a aparecer os resultados desses saques contínuos. Isso porque as empresas estrangeiras, depois de registrar os remédios nos seus países, se sentirão seguras para lançá-los no mercado mundial. “Antes, os laboratórios brasileiros podiam contestar a patente e registrar o remédio aqui, mas agora terão de pagar royalties a quem lesou o país”, critica Arruda.

No métier científico algumas histórias ficaram célebres. Como o caso do Flaxedil, fabricado pela Rhodia, poderoso relaxante muscular que evita a necessidade de altas doses de anestesia em pacientes que enfrentarão cirurgias demoradas. O remédio, cujo princípio ativo é a galamina, é baseado no curare, veneno

fabricado pelos índios da Amazônia com vários extratos de plantas. Usado na ponta das flechas durante as caçadas, o curare adormece os músculos da presa, que fica imobilizada e depois de algum tempo morre de parada respiratória.

Há muitos outros casos. A pilocarpina, usada no tratamento do glaucoma e comercializada sob nomes diferentes por vários laboratórios, é extraída do jaborandi. A emetina, base de vários medicamentos para diarreia e amebíase, vem da ipecacuanha. E o dossiê não pára de engrossar. Laboratórios japoneses estão desenvolvendo um remédio para diabetes com a planta pedra-umi-caá, e um grupo italiano deverá anunciar nos próximos meses a sintetização de um analgésico 230 vezes mais forte que a morfina, retirado de uma espécie de sapo que vive no Vale do Javari, no oeste do Amazonas. Há séculos os índios do Javari conhecem o tal analgésico.

Recentemente, quando pesquisava a eficácia da quebra-pedra — planta

popularmente utilizada contra cálculos renais — no tratamento da hepatite B, a Fundação Oswaldo Cruz descobriu que estava chovendo no molhado. Um composto com a mesma finalidade, elaborado com a mesma planta nativa do Brasil, já havia sido patenteado pela Fox Medical Center nos Estados Unidos. “Quando se discute a propriedade intelectual, os gringos reclamam dos laboratórios brasileiros que copiam suas fórmulas mas fazem o mesmo com os índios e caboclos”, diz Arruda.

A senadora Marina Silva, do PT do Acre, apresentou um projeto de lei propondo limitações de acesso aos recursos biogenéticos do país a pesquisadores estrangeiros e fiscalização das atividades dos brasileiros — muitos estariam contrabandeando extratos. A proposta será acusada de xenofobia e já se pode vislumbrar a senadora sendo espinhafrada. Mas o projeto tem sua importância e só iniciativas como esta contribuirão para estancar a sangria de que a Amazônia continua sendo vítima.



## VENENO PRECIOSO

*O veneno indígena curare, mantido em potes como este, é a base de um remédio fabricado pela Rhodia. A atividade de laboratórios estrangeiros preocupa o pesquisador Arruda (acima).*

# CAMINHO DE VOLTA

**Num movimento de busca das origens, nações indígenas como a sateré-maué, no Amazonas, restauram suas antigas tradições**



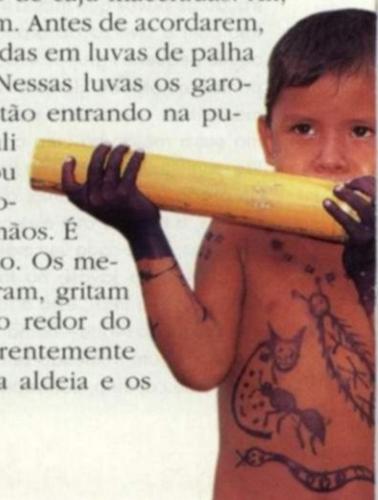
*Índios sateré-maués preparam as luvas cheias de formigas venenosas: o velho ritual de iniciação dos meninos está de volta*

**E**nquanto os europeus da Idade Média tentavam tratar casos de envenenamento com purgativos violentos, faziam sangria em supostos doentes mentais e usavam polvilho para cicatrizar feridas, os índios brasileiros utilizavam um preparado à base de ipeca para neutralizar venenos e dominavam técnicas para a produção de eficientes ansiolíticos e cicatrizantes.

Quando se faz uma retrospectiva histórica, falar em "civilizar índios" parece um contra-senso. Eles foram tidos como selvagens sem alma pelos "civilizados", depois escravizados, cruelmente exterminados, e finalmente viram suas tradições aniquiladas. Durante muito tempo, ter traços indígenas era considerado demérito e muitos descendentes negavam a origem. Mas agora uma boa notícia vem das malocas. Está em ebulição um movimento de retorno às raízes.

Muitas tribos vêem filhos desgarrados voltar às aldeias e, principalmente na Amazônia e no Nordeste, jovens caciques se empenham num projeto de restauração dos rituais. É o que vem acontecendo entre os saterés-maués, no leste do Amazonas. A Dança da Tucandeira, por exemplo, o rito de iniciação dos rapazes, voltou com vigor.

Durante o fabrico do guaraná, no auge da safra, os índios adultos entram na floresta para caçar a maior quantidade possível de tucandeiras, as terríveis formigas da Amazônia. Venenosas, elas são guardadas em estojos de bambu e, já na aldeia, mergulhadas numa mistura de água com folhas de caju maceradas. Ali, adormecem. Antes de acordarem, são colocadas em luvas de palha trançada. Nessas luvas os garotos que estão entrando na puberdade, ali pelos 11 ou 12 anos, colocam as mãos. É um suplício. Os meninos choram, gritam de dor. Ao redor do show aparentemente macabro, a aldeia e os



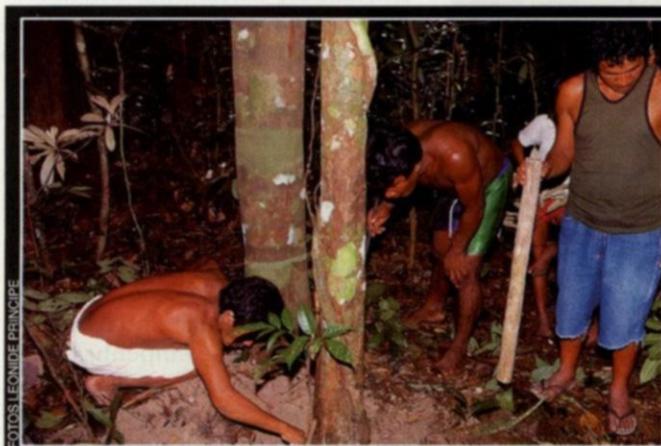
convidados de outras tribos cantam, bebem e dançam.

O que, para um branco, parece uma crueldade sem tamanho, tem não só um forte significado como um componente de medicina preventiva. Isso mesmo. Além da representação de que dali em diante

o garoto terá condições de enfrentar sozinho os sofrimentos, o casamento e o trabalho duro, o veneno da tucandeira imuniza contra várias doenças da floresta. "Participei do ritual umas vinte vezes e nunca adoeci", diz Manoel Sateré, de 55 anos.

Reza a tradição que as tucandeiras podem matar se o ritual não for precedido de uma dieta que exclua comidas pesadas, como carnes de caça. No dia anterior à cerimônia, os índios que se submeterão às picadas alimentam-se de peixes e frutas. Se tiverem disposição, os saterés podem repetir o ritual quantas vezes quiser. Normalmente, nos anos seguintes à primeira Dança da Tucandeira, os garotos ficam assustados. Lá pelos 18 anos, voltam à prática. "Pelo que vi, acredito mesmo que o ri-

## A luva de palha trançada fica cheia de formigas venenosas. E é ali que os meninos têm de colocar a mão



## À margem da civilização

*No Vale do Javari ainda existem 2,5 mil índios que nunca tiveram contato com brancos*

A Fundação Nacional do Índio, Funai, calcula que existam cerca de 2,5 mil índios isolados na região do Vale do Javari, oeste do Amazonas, reunidos em seis a nove nações. É a maior concentração de povos que nunca tiveram contato com a civilização branca. Existem outros pequenos grupos espalhados em pontos remotos da Floresta Amazônica, mas tem-se como certo que em nenhuma outra região há uma concentração tão significativa quanto no Javari. A política do órgão oficial é manter distância desses grupos, a não ser que eles corram perigo.

Perigo, há. E cada vez mais próximo. Pelo do Vale do Javari, na fronteira com a Colômbia e o Peru, está o triângulo do crime Atalaia do Norte—Benjamin Constant—Tabatinga, um tremendo barril de pólvora. Tráfico de cocaína, contrabando de madei-



ra, política na base da bala e matança de índios fazem parte do cotidiano da região.

A criminalinha que invade o Javari em busca de madeiras nobres e palmitos para exportação abate sem piedade qualquer índio que encontre pela frente. Vítimas de ataques, os korubos têm respondido como podem. À primeira vista, mostram-se amistosos e sorridentes. Mas é uma armadilha. Quando algum

branco se aproxima, eles atacam com cacetes, distribuem pauladas por todo o corpo e maceram o crânio.

Pelas contas de tribos de cidades em torno do Vale do Javari, os korubos são no máximo uns 800. A Funai instalou um acampamento com o propósito de contactá-los, mas não tem tido sucesso. "Eles se mantêm absolutamente arredios", diz o sertanista Sidney Ponsuelo, chefe da missão. Para que a área seja delimitada como terra indígena, e assim interdita à exploração de madeira, a Funai precisa reunir uma série de dados exigidos pela burocracia federal. Por isso a tentativa de contato. Enquanto não acontece o esperado encontro, os korubos e outros grupos isolados estão entregues à própria sorte e correm o risco de extinção, antes mesmo de serem conhecidos.

tual repetido fortalece os índios”, confirma a antropóloga carioca Sônia Lorenz, de 42 anos, que trabalhou com os saterés-maués. “Os homens que o fazem várias vezes envelhecem mantendo disposição no trabalho e nas caçadas.”

**N**ão é uma tarefa fácil, esta de recuperação das tradições. Durante quatro séculos de convivência com a civilização branca — ou poucas décadas, no caso de algumas tribos —, as nações indígenas perderam terras, valores, auto-respeito e muitas, muitas vidas. Não se dis-

põe de estimativas precisas de quantos índios havia no país quando os portugueses desembarcaram. Fala-se de 2,5 milhões, 3 ou até 5 milhões. Mas hoje sabe-se quantos restaram. Vivendo em terras indígenas são 280 mil, segundo levantamento do Instituto Socioambiental, organização não-governamental com sede em São Paulo que acompanha com rigor a evolução demográfica dos povos indígenas. Na Amazônia brasileira, são 170 mil.

Até os anos 70, os primeiros contatos com as tribos eram pilotados por religiosos. E a fé era o primeiro choque. Diante dos novos guias espiri-

tuais, os pajés, a ponte entre este mundo e a esfera metafísica, perdiam a função. Não poucos desapareciam das aldeias e, deprimidos, embrenhavam-se na mata para morrer sozinhos. Em seguida vinham todos os outros choques de valores: rituais banidos, mulheres obrigadas a cobrir os seios, monoteísmo na marra.

Os religiosos não tinham como conduzir todo o processo de “civilização” e a aproximação de recém-fundadas comunidades brancas foi inevitável. Em consequência, surgiam nas aldeias epidemias mortais de gripe, doenças venéreas, alcoolismo e o gosto pelo dinheiro. O mercantilismo impregnou-se e hoje conduz a relação entre índios e caras-pálidas em grande parte das tribos.

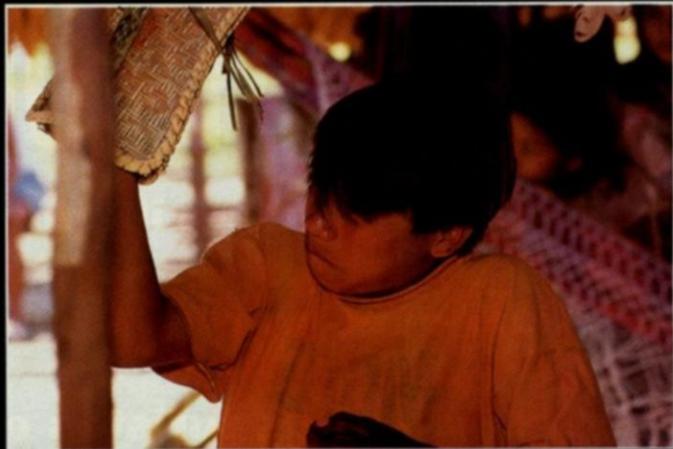
Os ticunas, a maior nação indígena do Brasil, com 23 mil pessoas, solicitam gentilmente a “doação” de um videocassete ou uma televisão a grupos de turistas ou de profissionais de imprensa interessados em conhecer seu território. Nas terras ticunas, no oeste do Amazonas, às margens do Solimões, é espantosa a descaracterização cultural. O confuso mosaico religioso é uma amostra disso. Só na vila de Umariçu, onde vivem 4 mil índios, existem nove seitas em atividade.

À trajetória histórica que culminou com o dismantelamento das tradições, respostas como a que os saterés-maués vêm apresentando podem indicar um novo caminho para as nações indígenas. Talvez o século 21 comece com boas perspectivas para os povos da floresta.



## A DANÇA DA DOR

*Primeiro, as formigas tucandeiras, que são venenosas, têm de ser caçadas na mata. Depois são mergulhadas numa mistura anestésica de água e folhas de caju. Elas dormem e são colocadas nas luvas de palha, onde os garotos vão pôr a mão. Quando acordam, as tucandeiras começam a picar. Os meninos choram e muitos têm febre, enquanto a aldeia e convidados de tribos vizinhas dançam, bebem e cantam.*





# A FLORESTA DOMADA

**Os hotéis de selva exibem uma Amazônia divertida, com araras que posam para as câmeras e muitos turistas extasiados**

*Passeio num afluente do Rio Negro: show de natureza*

Americana Mary Waith lê dicas de viagem num guia sobre o Brasil com um macaco passeando no seu corpo, enquanto o grego Gabriel Anastassiades oferece banana às araras e a carioca Rafaela Mussa, depois de juntar toda a coragem dos seus 12 anos, pega numa sucuri. Todos estão felizes com a temporada na selva.

Esta não é a Amazônia das picadas estreitas que serpenteiam na mata, das tormentas que ameaçam os navegantes, dos caminhos enlameados ou dos animais hostis. Aqui, a Amazônia é divertida, descomplicada e até os bichos aparecem e posam para a câmera, para deleite da gringalhada.

“Esta é a experiência mais sensacional de toda a minha vida”, diz a arquiteta Mary, de 42 anos, sem parecer se incomodar com os 42 graus à sombra. “Li muito a respeito, vi fotos, mas isso aqui supera qualquer idealização”, considera o engenheiro Anastassiades, de 33 anos, que viaja com a mulher, Ariana. O casal está concluindo um roteiro que inclua o Rio de Janeiro e Foz do Iguaçu. “No próximo ano queremos voltar para duas semanas só aqui”, emenda Ariana. Rafaela, depois de um programa intensivo com caminhadas na selva, passeios de barco entre igarapés e observação de jacarés à noite, encarou com determinação o ponto alto das férias, a hora de segurar a cobra. “Me senti como nos filmes de Indiana Jones”, comemora.

A Amazônia dos hotéis de selva é uma festa. O espetáculo é cuidadosamente preparado e funciona como uma bela produção da Broadway, sem os atropelos tão característicos e até inevitáveis da Amazônia selvagem. O Arianá Jungle Tower, a duas horas e meia de barco de Manaus, hospeda 82% dos turistas que ficam em hotéis de selva e procura caprichar no show.

Depois do reforçado café da manhã regional, os grupos, formados de acordo com o idioma, são despachados em vários



barcos que seguem por um afluente do Rio Negro para programações distintas. “Vamos ver como vivem os nativos”, anuncia um guia. “Vamos percorrer uma trilha no meio da mata”, informa outro. “Peguem os equipamentos, pois está na hora de ir pescar”, diz um terceiro, quase sem-

sacudir o bicho num alemão de olhos esbugalhados, depois numa senhora francesa, toda assombrada. Hora da gritaria... e de muitas fotos. Quem consegue vencer a repugnância sempre leva para casa a maior lembrança da grande aventura na selva.

A trilha na mata, de uns 3 quilôme-

à noite, com o guia munido de uma lanterna mais um piloto caboclo e os turistas superatentos. Para não assustar os bichos, o motor do barco é mantido em rotação lenta. O céu magestoso e os sons da selva já pagariam o passeio, mas é só o começo. Quando o barco se aproxima das aningas

— plantas que ficam boiando às margens dos rios e têm longas raízes —, o guia pede silêncio absoluto. Embaixo dos aningais é o esconderijo preferido dos jacarés e a luz da lanterna procura por olhos brilhantes entre as plantas.

Sem aviso prévio, Francisco Gomes, de 20 anos, o caboclo que conduz a embarcação, atira-se n'água para voltar quinze segundos depois com um jacaré de pouco mais de um metro na mão. “Nunca errei”, assegura Gomes. “O segredo é pular com a mão já preparada para agarrar logo atrás dos olhos do bicho, para que ele não consiga abrir a boca.” Na seqüência, depois de muitos “OOOOhhhhh!!!!”, o guia dá uma aula sobre jacarés e quem quiser pode pegar no rabo ou na barriga do bicho.

Os ecoabusados de plantão reclamam que a focagem é uma crueldade e estressa os animais, que os hotéis de selva ferem o conceito de “ecológicos” ao manter bichos domesti-

## O caboclo atira-se no rio, à noite, e 15 segundos depois volta com um jacaré na mão. É uma festa para os estrangeiros

pre comandando uma turma de japoneses ou de nisseis paulistanos, que normalmente dispensam qualquer atração por uma boa pescaria.

Os “nativos” moram a poucos quilômetros. São uma família cabocla que ganha a vida vendendo badulaques a estrangeiros — colares, pulseiras, cestos. De autêntico mesmo, só a casa de farinha, rudimentar como no século passado. Quem se interessa pode obter explicações de como a mandioca vira pó, mas pouca gente quer saber disso quando há uma sucuri sendo exibida por um velho caboclo. A cobra, de 1 metro, não é venenosa e parece domesticada. O guia incentiva: “Vai, pega! Coragem!” E faz menção de

tros, é bastante instrutiva. Aprende-se que uma espécie de cipó guarda água da chuva, o que será útil no caso de alguém, algum dia, se perder na floresta; que uma plantinha chamada bengüê tem o mesmo cheiro e as mesmas propriedades do Gelol — o remédio usa a planta na sua composição; que o cajuru, uma trepadeira, combate vários tipos de inflamações. E muito mais. Boa parte dos turistas leva bloquinho e caneta para anotar as lições, mas sempre há a turma que não agüenta mais caminhar — quase sempre composta de paulistanos sedentários — e não vê a hora de voltar para a cervejinha do hotel.

Outro programa de sucesso é o que se chama na região de “focagem de jacarés”. Os barcos partem



Hotel Ariau: no meio do mato, suítes nas torres de madeira



## ZOO SEM JAULAS

*A turistada enlouquece com os bichos. A americana Mary (detalhe) comemora "a maior experiência" da sua vida e a carioca Rafaela, sente-se como Indiana Jones.*

cados que comem na mão dos turistas, que isso, que aquilo outro. Ora, boa parte dos 400 mil turistas que visitam a Amazônia brasileira a cada ano quer ver bichos. E sabe-se que na selva para valer não é assim tão fácil contemplar animais — na mata densa e quase impenetrável há infinitas tocas, mas chegar até elas requer experiência, disposição, paciência e muita sorte; além disso, os animais selvagens desaparecem à menor tentativa de aproximação. Assim, parece razoável que os hotéis reúnam uma amostra didática da Amazônia para apresentar aos visitantes, que deixam na região 750 milhões de dólares ao ano.

Entre esses visitantes, há gente comum como Mary, Anastassiades e Rafaela, mas também há celebridades que seguem do aeroporto de Manaus, de helicóptero, direto para o heliporto do hotel Ariaú, como o diretor de cinema Steven Spielberg, o primeiro-ministro alemão Helmut Kohl e a cantora norte-americana Olivia Newton-John. O jogador Ro-

mário engrossa a lista dos famosos. Numa das suítes do Ariaú, das que ficam nas torres de madeira acima das copas das árvores, o então atacante do Barcelona escondeu-se por quatro dias, fugindo de compromissos do seu time. Como se pode perceber, não é necessário ser um Tarzã de carteirinha para explorar essa Amazônia dócil encerrada nos hotéis de selva.



### PARA IR MAIS LONGE

**Entre Árvores e Esquecimentos, História Social nos Sertões do Brasil**, livro do historiador Victor Leonardi, lançado este ano pelas editoras Universidade de Brasília e Paralelo 15 (tel.: 061/243-4811 e fax: 347-7876).

**Breve História da Amazônia**, livro de Márcio Souza, editado pela Marco Zero (tel.: 011/257-2144).

**Nascente do Amazonas**, vídeo com reportagem de Paula Saldanha e Roberto Werneck, produzido pela RW Vídeo, que pode ser encomendado pelos telefones (021)542-1965 e 542-4740.

# guia da TERRA

**ONDE É** - A Amazônia fica no Norte da América do Sul, no território de oito países: Brasil, Guiana Francesa, Suriname, Guiana, Venezuela, Colômbia, Equador, Peru e Bolívia. A fatia brasileira, chamada aqui de Amazônia Legal, representa 60% do território nacional. Reúne todos os Estados da região Norte, mais o Mato Grosso, boa parte do Maranhão, quase todo o Tocantins e uma pontinha de Goiás. Além de áreas de floresta (74%), a Amazônia tem cerrado (24%) e campos rupestres (2%). A Floresta Amazônica tem 5,5 milhões de km<sup>2</sup> — uma Europa, sem contar a parte ocidental da Federação Russa —, dos quais 3,3 milhões ficam em terras brasileiras. Os 40% restantes se dividem entre os outros países amazônicos.

**COMO CHEGAR** - Todas as companhias aéreas nacionais têm vôos para Manaus, a capital turística da Amazônia.

**QUANDO IR** - De janeiro a maio chove bastante. As águas dos rios atingem seu nível mais alto entre fins de junho e início de julho. Aí o sol aparece com vigor. É uma excelente época para viajar, por vários motivos: 1) os dias claros rendem boas fotos; 2) as águas altas possibilitam a navegação no nível das copas de muitas árvores que ficam alagadas; 3) o acesso de barco a várias regiões é mais fácil; 4) a quantidade de mosquitos é menor, assim como o risco de pegar malária. A partir de agosto, o nível das águas começa a baixar, devagar. O sol garante dias bonitos até novembro. Em dezembro, as águas atingem seu nível mais baixo e logo em seguida o ciclo recomeça.

**ONDE FICAR** - Um dos hotéis de selva mais bem equipados é o Ariaú Jungle Tower. A empresa que o administra mantém ainda dois hotéis flutuantes, um para pescadores e outro, com preços bastante acessíveis, exclusivamente para mochileiros de 14 a 25 anos. Os telefones são (092) 234-7308, 232-4160 e 622-5000. Há outros bons hotéis de selva e ainda uma porção de alternativas para quem quiser ficar em pousadas com cabanas sem chuveiro nem energia elétrica. A Emamtur, pelo telefone (092) 633-2850, informa ao turista qual operadora tem o pacote mais adequado ao seu interesse. Viajar por conta própria exige mais tempo e quase sempre mais dinheiro.

**CUIDADOS** - É importante tomar vacinas contra febre amarela, hepatite B e tifo. E não esquecer de levar na bagagem uma boa reserva de repelente.

### DICA DO AUTOR

"Sobrevoar de ultraleve a região onde acontece o encontro dos Rios Negro e Solimões, perto de Manaus, é um programa sensacional. Você pode acertar com o comandante Caciono Costa (092/651-1608). Para viajar por conta própria, sem pacote turístico, prepare-se para longas negociações com barqueiros e caboclos. Pechinche até o limite da paciência quando precisar alugar uma "voadeira", pequeno barco a motor, para chegar mais depressa a áreas pouco acessíveis."



Kaike Nanne